



RESENHAS

COCCO, Giuseppe; PACHECO, Annelise; VAZ, Paulo (orgs.)
O Trabalho da Multidão: Império e Resistências

Rio de Janeiro: Gryphus, Museu da República, 2002

Ana Kiffer

Ler *O Trabalho da Multidão: Império e Resistências* é, antes de tudo, se deparar com a própria insuficiência da leitura. Pois não se trata somente de discorrer sobre os campos conflitivos ou sobre os combates presentes no mundo contemporâneo, senão que de verter sobre a própria experiência da leitura e da escrita a palavra da vida que quer viver, ou, como nos indica o *Trabalho*, re-existir é resistir.

O convite já é desafio, e não apenas pela multiplicidade de sujeitos abordados, que nos lançam desde a crise Argentina (Negri & Cocco) ao movimento de software livre (Malini), mas e, sobretudo, por estarmos diante de um Trabalho realizado em conjunto no decorrer do ano de 2002 cujos encontros sediados no Museu da República apontam inexoravelmente para uma nova e inusitada tensão entre o discurso e a prática, melhor ainda, entre a palavra e a vida. Nova, posto que não se trata de encerrar o discurso na verticalidade da erudição acadêmica, tampouco destinar à prática o lugar demarcado do engajamento político. O convite se faz, portanto, a novas práticas discursivas aonde o livro vem a ser apenas um dos efeitos possíveis. Nessa

tensão cria-se um novo espaço interventivo que conjuga os anseios do pensamento-ação em torno da proposta de uma Universidade Nômade.

Valeria frisar que a experiência do Trabalho verte sobre as perguntas que afligem e insuflam o contemporâneo - "a crise do estado-nação é irreversível?", "o que é a política em face da emergência de uma soberania supra-nacional?" - mas não para trazer à tona a face agoniada da crise, senão a sua intensa potência de abertura; como dizem ainda os organizadores do livro (COCCO, PACHECO e VAZ) em seu prefácio: "onde está a potência dentro das novas configurações de um poder de controle que envolve a vida, os corpos e os afetos como um todo?", "quais as novas formas de luta?", "a resistência é sempre reativa ou chega ela a produzir a própria existência?".

Desse modo o leitor é convocado não somente para um agudo exercício crítico, mas para o difícil trabalho da abertura, onde o re-fazer se encontra com o re-existir não para que se opere apenas a potência incessante do mesmo, mas sim aquela que convoca o diferente, o lado de fora: "A condição do movimento de dentro pra fora, (ex)istência, de um mundo ao outro, está indissolúvelmente associada a um terceiro: o fora, o que chamamos de exterioridade. É ao impossível de todo possível, ao indeterminado de toda determinação que precisamos recorrer (...)", como nos alerta Roque em seu artigo. A resistência assim pensada exige outro estatuto para a própria

existência, estatuto este que descentra o sujeito bem assentado no solo psicológico, unificado ou interiorizado. Da mesma maneira, Pelbart nos diz: "A multidão é um nome que tenta expressar exatamente isso, o comum e o singular, a multiplicidade e a variação, (...). Como se vê, nessa acepção o comum nada tem a ver com a unidade, a medida, a soberania no sentido clássico (...)".

Atentos não somente à crítica, mas também ao gesto (este sendo sempre preciso), é que os autores podem ver ao mesmo tempo as potências de abertura no quadro de fechamento provocado pelas crises, como aponta Rolnik: "Se o capitalismo contemporâneo atizou a força de invenção, ao fazê-la trabalhar a serviço da acumulação de mais-valia, em seu avesso, a mobilização dessa força no conjunto da vida social criou as condições para um poder de afirmação da vida (...)" ou ainda, na urgência da crise Argentina, como escreve Hopstein, "As novas formas de protesto emergentes na Argentina de hoje não estão sujeitas necessária e exclusivamente à obtenção de planos sociais, (...). O que é exigido, de modo geral, é uma profunda transformação do sistema político (...)". Nesse exercício de reflexão que tangencia os limites ou as brechas deixadas pelo sistema é que os autores podem indicar as fragilidades do próprio sistema no qual estamos todos imersos, ou nas palavras de Vaz: "Experimentamos a formação de uma sociedade de controle ou da fragilidade". A agudeza da crítica se veste da sutileza do próprio objeto a ser considerado. Os objetos se propagam e assumem a materialidade das vozes nos territórios das rádios-comunitárias desbravadas por Mauro Sá, ou ainda o trabalho imaterial pensado por Malini, assim como o percorrido histórico crítico do ensino da filosofia nas escolas brasileiras feito por

Rocha, ou mesmo na própria conceituação da resistência no interior do pensamento da diferença, como no artigo de Sobral.

Desse modo é que o Trabalho da Multidão não vem somente falar sobre Império ou Resistências senão que ele mesmo enquanto Trabalho abraça a Multidão e provoca a necessidade de resistir e de re-existir.

■ Ana Kiffer é doutora em Letras, Literatura Comparada.